
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

SOB O PESO DO PRÓPRIO CORPO:
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS CONTOS
“MARIA” E “ROSA MARIA ROSA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Marcela Gizeli Batalini¹ (UEM)
e Alba Krishna Topan Feldman² (UEM)

RESUMO: Levando-se em conta o pouco espaço concedido ainda à produção de autoria feminina negra no Brasil, bem como a presença limitada de personagens negras, sobretudo como narradoras ou protagonistas, compreende-se a importância dos contos “Maria” e “Rosa Maria Rosa”, de Conceição Evaristo, presentes nas antologias *Olhos d’água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), respectivamente. Nosso objetivo é analisar a personagem feminina negra presente nestas produções, atentando-se para o peso do próprio corpo, ou seja, enquanto mulher e negra, em uma sociedade ainda marcada por preconceitos e discriminações nessas esferas. Observamos que a autora, além de trazer para o primeiro plano esses sujeitos deixados à margem, ainda problematiza construções e estereótipos que perpassam a história do país, trazendo para a literatura outro olhar, outra perspectiva. As abordagens teóricas que embasam esta pesquisa são os estudos de Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2007), Chandra Mohanty (2002) e Elizabeth Grosz (2000).

PALAVRAS-CHAVE: contos; Conceição Evaristo; representação; mulher negra.

INTRODUÇÃO

Nota-se que a literatura de autoria feminina vem conquistando cada vez mais espaço no universo literário brasileiro, resultando na ampla gama de textos escritos por mulheres. No entanto, ao atentarmos para a mulher negra, verificamos que o lugar reservado a ela ainda é pequeno: tanto a presença de escritoras negras no mercado

1 <http://lattes.cnpq.br/1446335603017984> - marcelabatalini@hotmail.com

2 <http://lattes.cnpq.br/4778253744058116> - profa.alba@gmail.com

editorial, quanto à representação de personagens negras, principalmente como narradoras ou protagonistas, na literatura em geral.

Mediante a esse silenciamento, são de suma importância estudos que contemplem tais textos, que apontem para as inúmeras dimensões que eles carregam em seu bojo. Portanto, a partir dos contos “Maria”, presente na antologia *Olhos d’água* (2014) e “Rosa Maria Rosa”, que integra a obra *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016), ambas de Conceição Evaristo, temos por objetivo analisar a representação da mulher negra presente nessas narrativas, por meio de personagens a quem Conceição Evaristo concede um lugar central na trama. Para embasamento teórico da análise pretendida, utilizamos autores como Ascroft, Griffiths & Tiffin (2007), Chandra Mohanty (2002) e Elizabeth Grosz (2000).

Iniciamos traçando algumas considerações em torno do conceito de representação na literatura e a identidade feminina negra nesse contexto, seguidas por informações acerca da autora e de sua produção, a fim de propiciar melhor compreensão do corpus em questão. Por fim, segue a análise das personagens femininas negras nas obras abordadas, utilizando-nos do aparato teórico citado.

1. REPRESENTAÇÃO E LITERATURA: IDENTIDADE FEMININA NEGRA

O conceito de representação é passível a várias acepções. Etimologicamente, a palavra, de origem latina, *repraesentare* tem como significado “tornar presente” ou “apresentar de novo”.

Contudo, embora as representações do mundo social busquem a universalidade, elas são sempre variáveis e determinadas pelos indivíduos ou grupos que as edificam, isto é, as percepções do social não são discursos neutros.

Nesse sentido, trazer para o presente os valores de algo ausente pode, também, simplificá-lo, encobrir configurações múltiplas, corroborando, assim, para a reprodução e a perpetuação de determinadas ideologias no meio social. Essa é uma das principais questões levantadas na atualidade sobre o conceito de representação na literatura, o efeito de falar em nome do outro e as possibilidades e posições concedidas a este.

Conforme ressalta Regina Dalcastagnè (2002), ao conceber a literatura como uma forma de representação, não se pode deixar de considerar ou de questionar: quem é, afinal, o/a outro/a? Que espaço lhe é concedido na sociedade e o que há por trás de seu silenciamento? Frente a isso, os estudos literários, como o próprio fazer literário, têm se voltado, de forma crescente, para aspectos relacionados à legitimidade, à autoridade, ao acesso à voz e à representação dos múltiplos grupos sociais, sobretudo daqueles marginalizados, entendidos como os grupos que vivenciam uma identidade coletiva concebida de forma pejorativa pela cultura dominante.

A mulher negra, seja como escritora ou como personagem, insere-se nesse campo. Enquanto escritora, ela se viu ainda mais silenciada e/ou marginalizada na tradi-

ção literária; como personagem, quando presente, suas representações na literatura se resumiam a imagens estereotipadas, que reduziam sua personalidade, seu ser a modelos atrelados a preconceitos.

Conceição Evaristo (2005) destaca as personagens femininas negras na literatura brasileira ancoradas em imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação, ou corpo enquanto objeto de prazer. Os pensamentos de Evaristo e Dalcastagnè entram em consonância com o conceito pós-colonial de dupla colonização da mulher (Ashcroft, Griffiths & Tiffin 2007: 95). Segundo o conceito acima mencionado, as mulheres sofrem discriminação por serem sujeitos coloniais (aqui, levando-se em consideração a raça e a condição de descendentes de escravos), e também por serem mulheres (ou seja, a especificidade de gênero). Ambas as opressões, apesar de diferentes, são complementares, uma vez que o homem negro sofre de estereótipos diferentes das mulheres negras, e tais estereótipos vão ser transmitidos ao discurso literário.

Deste modo, é preciso desestabilizar a homogeneização de identidades femininas negras refletidas na história literária, isto é, romper com modelos que trazem consigo relações de poder, discriminações e preconceitos. Um dos caminhos para isso é por meio da visibilidade conferida a essas mulheres escritoras no campo literário. Como enfatiza Evaristo (2005),

Assenhoreando-se “da pena”, objeto representativo do poder falo-cêntrico branco, as escritoras negras buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma *auto-representação*. Criam, então, uma literatura em que o *corpo-mulher-negra* deixa de ser o corpo do “outro” como objeto a ser descrito, para se impor como *sujeito-mulher-negra*, que se descreve, a partir de uma subjetividade própria experimentada como mulher negra na sociedade brasileira. (2005: 54)

Assim, se há uma literatura que invisibiliza ou ficcionaliza a mulher negra a partir de estereótipos, há a busca por rasurar esses modos consagrados de representá-la, outro discurso literário, ou seja, toma-se o lugar da escrita como direito, tal como seu espaço na sociedade.

Por outro lado, mesmo com as dificuldades de um estudo efetivo da mulher como protagonista de sua história, como autora e personagem, pela própria dificuldade de afirmação identitária em uma sociedade machista e racista, o feminismo negro busca estudar e questionar essas relações históricas, a criação e manutenção de discursos literários que perpetuam os estereótipos.

Trudier Harris (2001), ao estudar a mulher afro-americana na literatura e nas artes, afirma que muitas escritoras, por necessidade, precisaram abraçar os estereótipos, mas começaram a tentar fugir deles:

O cenário da literatura afro-americana é povoado de mulheres negras fortes demais para seu próprio bem, seja sua força física, moral ou ambas.

Sob o peso do próprio corpo: a representação da mulher negra nos contos...

Historicamente, as escritoras afro-americanas concluíram que a força era uma característica incontestável que elas poderiam utilizar na apresentação de mulheres negras. Se as mulheres negras poderiam ser atacadas por serem promíscuas, elas certamente não poderiam ser atacadas por serem fortes. (Harris 2001: 11)³

É possível observar que isso também ocorre na literatura brasileira escrita por mulheres negras. Dessa forma, a literatura passa a demonstrar no Brasil e nos Estados Unidos outra representação para as mulheres negras: a da mulher forte e consciente de seu corpo. É nesse contexto que podemos, também, colocar Conceição Evaristo e sua obra.

2. ESTUDO ANALÍTICO

2.1 CONCEIÇÃO EVARISTO: VIDA E OBRA

Faz-se importante antes de iniciar a análise proposta, levar em conta algumas informações dirigidas tanto às produções de Conceição Evaristo, quanto à própria autora, a fim de compreendermos melhor o *corpus* em questão, inserindo-o em um contexto maior. Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 1946, em uma favela localizada no alto da avenida Afonso Pena, na zona sul de Belo Horizonte. Cresceu em uma família humilde, com oito irmãos, em que a ficção se fez imprescindível, uma forma de sublimar a realidade. Como ela ressalta, em entrevista concedida a Leonardo Cazes, não nasceu rodeada de livros, mas rodeada de palavras:

havia toda uma herança das culturas africanas de contação de histórias. Minha mãe fazia bonecas de pano ou de capim para mim e minhas irmãs e ia inventando tramas. Ela recolhia livros e revistas e mostrava para nós, mesmo sem saber ler. Víamos as figuras e inventávamos novas histórias. Meu interesse pela literatura nasce daí. (Evaristo 2016: s/p)

Em meio a inúmeras dificuldades, mas cercada por esse universo de personagens e enredos criados a partir de narrativas orais, Conceição Evaristo tem sua primeira publicação apenas em 1990. Trata-se de quatro poemas presentes no décimo terceiro volume dos *Cadernos Negros*, editado pelo grupo Quilombhoje, de São Paulo. Conciliando sempre os estudos com a produção literária, já que em 1990 ela conclui a graduação em letras, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), estado

³ The landscape of African American literature is peopled with black female characters who are almost too strong for their own good, whether that strength is moral or physical, or both. Historically, African American writers have assumed that strength was the one unassailable characteristic they could apply in representing black women. If black women could be attacked for being promiscuous, they certainly could not be attacked for being strong.

para onde se mudou em 1973. Formou-se mestre em letras em 1996, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), e doutora em 2011, em literatura comparada, pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Desde então, ela tem publicado inúmeras obras, como os romances *Ponciá Vicêncio*, em 2003, e *Becos da memória*, em 2006, e o volume de poesias *Poemas da recordação e outros movimentos*, em 2008. No universo do conto, é autora das antologias *Insubmissas lágrimas de mulheres*, 2011, *Olhos d'água*, 2014, e *Histórias de leves enganos e parecenças*, 2016.

No que se refere às suas narrativas, Jurema Werneck (2015) enfatiza as condições desfavoráveis, o cenário de discriminações, dificuldades financeiras, violações de direitos humanos que marcam tais histórias. Personagens, em sua maioria, negras, “apequenadas”, vivendo o limite do “ser-que-não-pode-ser” (Werneck 2015: 13), mas buscando também maneiras de enfrentar a correnteza, meios de sobrevivência. São trazidos à literatura indivíduos esquecidos, ignorados ou postos à margem da sociedade: empregadas domésticas, prostitutas, operários, lavadeiras, mendigos, traficantes, menores abandonados, propiciando reflexões sobre questões que perpassam a história do país.

Conceição Evaristo traz à luz o questionamento dessas relações raciais democráticas, cordiais, relativas também ao gênero; narrativas permeadas pela cultura de seus ancestrais, da qual se orgulha, pelos elementos místicos, pelas marcas de oralidade, como ressalta: “minha literatura não é pior nem melhor do que qualquer outra, só nasce de uma experiência diferente da qual eu me orgulho e que não quero camuflar” (Evaristo 2016: s/p).

A autora precisou lidar ainda com as dificuldades na publicação de suas obras e distribuição, o que evidencia esse lugar à margem concedido à escritora negra. Como enfatiza Leonardo Cazes (2016), *Olhos d'água*, lançado em 2014, foi o primeiro livro de Conceição Evaristo cuja tiragem ela não precisou bancar, ao menos em parte; ainda assim porque foi publicado com o apoio do Ministério da Cultura. *Histórias de leves enganos e parecenças*, seu livro mais recente, também foi editado sem custos.

2.2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NOS CONTOS “MARIA” E “ROSA MARIA ROSA”

O primeiro conto a ser analisado, “Maria”, integra a antologia *Olhos d'água*, publicada em 2014. Esta obra traz uma galeria de personagens que compartilham da mesma vida “costurada com fios de ferro” (Evaristo 2015: 109). Trata-se de mulheres, negras e em situação de pobreza ou mesmo miséria, mas que diferem em experiências, nos modos de conceber e lidar com a realidade.

A partir de um narrador heterodiegético, que tem acesso aos sentimentos e pensamentos mais profundos, que conhece as dores que habitam seu peito, a realidade dura que se impõe, temos a história de Maria, empregada doméstica que, ao retornar

para casa, com as sobras que a patroa lhe dera, depara-se com um assalto no ônibus. Devido ao fato de tecer um breve diálogo com um dos assaltantes, é acusada pelos passageiros de cúmplice, quando, na verdade, ele lhe conta sobre sua solidão e manda um abraço ao filho que tem com Maria. O assaltante, então, é seu ex-marido, que havia se dedicado ao crime e ela não sabia. Mesmo desconhecendo todo o cenário de violência que se armava, Maria se torna objeto da violência e crueldade dessas pessoas, ao ser considerada cúmplice no assalto.

A partir da descrição delineada no momento em que aguarda o ônibus, verificamos as condições e como é vista em seu trabalho: “Além do cansaço, a sacola estava pesada. No dia anterior, no domingo, havia tido festa na casa da patroa. Ela levava para casa os restos. O osso do pernil e as frutas que tinham enfeitado a mesa. Ganhara as frutas e uma gorjeta. *O osso, a patroa ia jogar fora*” (Evaristo 2015: 39, grifo nosso).

Nota-se que à personagem são cedidos os restos, o que iria para o lixo. Assim, a patroa ignora as necessidades vivenciadas pela mesma: mãe de três filhos e quem sustentava a família. Maria se resume às funções que desempenha na casa onde trabalha, sem resquícios de sensibilidade, *benevolência*, poderia ser substituída por qualquer outra funcionária, ela é simplesmente o que propicia a essa família, ou seja, seu ser e sua vivência são ignorados. Desse modo, Maria é construída como o estereótipo da trabalhadora invisível, objeto descartável.

O que a motiva a seguir adiante parece ser o futuro desses filhos, a alegria acerca das frutas que poderia lhes oferecer nesse dia, rememorada em várias passagens do texto: “as crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão?” (Evaristo 2015: 40). Trata-se, apesar de tudo, de uma mulher forte, que segue em frente, garantindo a sobrevivência de sua família com seu trabalho.

O ônibus chega. Maria consegue um assento e reflete que aquele seria seu único momento para descansar. Logo em seguida, avista a figura do ex-marido, que se senta ao seu lado, e em um cochicho pergunta sobre o filho: “e o menino, Maria? Como vai o menino? Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade!” (Evaristo 2015: 40), manda-lhe um abraço, um beijo, um carinho. Esse momento é seguido pelos gritos de assalto. O ex-marido saca a arma que trazia e inicia o assalto juntamente com outro homem. Maria sentiu medo, não dos assaltantes, não da morte em si, mas “sim da vida”, de como seria a vida dos três filhos sem ela, do sustento que não poderia mais lhes oferecer, da esperança de ver neles “outra vida”, em que “tudo haveria de ser diferente” (Evaristo 2015: 40-41) ser cessada.

Ainda no ônibus, o comparsa de seu ex-marido passa por ela e não pede nada, Maria questiona-se: “se fossem outros os assaltantes? Ela teria para dar uma sacola de frutas, um osso de pernil e uma gorjeta de mil cruzeiros. Não tinha relógio algum no braço. Nas mãos nenhum anel ou aliança” (Evaristo 2015: 41). O excerto evidencia o medo de Maria caso não tivesse o que oferecer a outros assaltantes, culpando-se até mesmo pela sua situação. Ela tinha em suas mãos apenas um corte profundo feito com faca, ironicamente enquanto cortava o pernil da patroa, do qual ficara com as sobras, contudo não há descrição de preocupação ou comoção por parte da mulher,

assinalando não apenas um ferimento na pele, mas talvez na própria alma, “uma faca a laser que parecia cortar até a vida” (Evaristo 2015: 41), que pouco valia para eles.

Em meio a tais reflexões, a personagem é acusada por um homem de conhecer os assaltantes e de ser cúmplice, pois além de conversar com um deles, foi a única a não ser assaltada; voz que acordou a coragem dos outros:

Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção à Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, *a negra* ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. (Evaristo 2015: 42, grifos nossos)

Observa-se, no excerto acima, o emprego da palavra negra de forma pejorativa, usada como insulto, o que estabelece uma ligação com o fato ocorrido, ou seja, a cor da pele com o universo da criminalidade. Este aspecto evidencia os preconceitos que, camuflados em nossa sociedade, são trazidos à tona sob a forma de gritos, como se há muito quisessem ser colocados para fora e que, agora, tem um representante e um motivo para extravasá-los.

Como destacam Paulo Silva e Fúlvia Rosemberg (2012: 73), fomos o país que mais importou africanos durante o regime escravista, o último a abolir a escravidão negra (1888), o que tem a maior população negra mundial (fora da África) e difundimos o mito de que as relações raciais no país são democráticas, ao mesmo tempo em que convivemos com desigualdades, com intensa dominação branca.

Tudo que Maria é se reduz, nesse instante, aos preconceitos atrelados à cor de sua pele, seus sentimentos e seu ser são deixados de lado. Ocorre, portanto, um processo denominado “objetificação”, no qual o essencialismo constrói a generalização e Maria é transformada, de objeto útil para a patroa, a um objeto nocivo e ameaçador para as pessoas do ônibus. Ao tornar-se representante da ameaça que era o assalto, e da frustração da incapacidade dos passageiros em resistir a um ataque armado, ela se torna a válvula de escape, seja do racismo e do sexismo cultural, seja da frustração por sofrerem violência em uma sociedade desigual e onde as vidas de todos os cidadãos, ditos comuns, estão ameaçadas.

Somam-se a isso as expressões “negra safada” ou “aquela puta”, empregadas pelo homem no ônibus. Discriminações também no eixo do gênero, já que, em contrapartida, tem-se a valorização da virilidade masculina, do prazer sexual ainda veiculado pelo homem. Em linhas gerais, o excerto recupera a ideia da mulher negra como objeto sexual, a “puta”, e também apequena a mulher, uma vez que o sentimento é de atacar sua individualidade, ou seja, esconder o sujeito atrás do estereótipo.

Ao conceder espaço à representação do corpo em seus estudos, Elizabeth Grosz (2000: 82) destaca a importância em reconhecer os limites estreitos que a cultura impôs às maneiras de pensar a materialidade corpórea. Conforme a autora evidencia, em vez de conceder às mulheres uma forma de especificidade corporal autônoma e ativa, tais especificidades foram julgadas, ao longo da história, em termos de uma

“desigualdade natural” (Grosz 2000: 67-68), como se houvesse uma medida para o valor dos corpos.

Desse modo, a opressão patriarcal se estabelece ao vincular o corpo mais intimamente às mulheres que aos homens. Contudo, se à mulher branca foram veiculados papéis sociais relativos às exigências biológicas da reprodução e ao cuidado da família; às mulheres negras foram veiculadas posições subalternas, não raro atreladas à objetificação sexual, à satisfação dos desejos carnis de outros, ao papel de empregada e/ou de cuidadora dos filhos dos brancos.

Tal atributo comprova o clichê na representação da mulher negra como dotada de um corpo extremamente sensualizado, dona de uma sexualidade tentadora, foga, portanto, responsável por estimular e justificar a lascividade dos homens com os quais ela convive, um corpo-pecado, que reflete no modo como se vê, concebendo sua identidade de forma pejorativa.

A violência sofrida pela protagonista do conto estudado é, então, psicológica e física, pois, além da violência verbal e psicológica, é agredida fisicamente também: “Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia se arreventado e as frutas rolavam pelo chão” (Evaristo 2015: 42). Tal como a sacola, arreventa a vida de Maria; arreventa a luta para sustentar os filhos, sua família. Sem ter a consciência do motivo de sofrer tamanha brutalidade, suas últimas reflexões referem-se ao abraço, ao beijo e ao carinho mandado pelo pai que não seriam entregues ao filho.

A escolha do nome da personagem pode remeter à história de muitas Marias, das discriminações com que nos deparamos no dia a dia; o ser mulher e negra num país que as faz vítima de olhares e ofensas nascidas do preconceito. O conto nos mostra uma mulher forte, buscando o sustento da família e um futuro melhor para os filhos, mas que é esmagada pelo racismo da sociedade e arca com as consequências apenas por conhecer o homem que fez um assalto. A tragédia de Maria, como a própria generalização do nome permite, ganha tintas de tragédia, mas é uma tragédia cotidiana, cultivada pelo racismo e por uma cultura, uma história e sociedade que coloniza duplamente a mulher negra. Retomando Werneck (2015: 13), Maria é o “ser-que-não-pode-ser”, a quem a sociedade primeiramente lega à invisibilidade e ao utilitarismo, ou seja, à objetificação, e depois destrói, ao ameaçar sair de sua obscuridade, quando demonstra características de ser, como preocupar-se com o ex-marido e amar os filhos.

O outro conto a ser analisado é “Rosa Maria Rosa”, presente na antologia *Histórias de leves enganos e parecenças*, publicada em 2016. Esta obra contempla também personagens em que as memórias, a prática do cotidiano remete à condição étnica e de gênero, como mulher e negra, mas há a inclusão do insólito, uma ruptura frente à realidade que se impõe. O conto também possui um narrador heterodiegético, mas que não nos fornece tantas informações acerca do que se passa no interior da personagem, contando, sobretudo, o que vê ou ouve sobre ela. Temos, assim, a história

de Rosa, descrita como uma mulher linda que não correspondia ao gesto de busca, contato e afago de outra pessoa, mas que experiencia o improvável, o sobrenatural.

O narrador a retrata como alguém fechada, que não tocava, nem se deixava tocar, em hipótese alguma:

Amoça murchava toda quando mãos estendidas vinham a procura dela. Nunca correspondia ao gesto de busca da outra pessoa. Não se entregava. Mantinha os braços cruzados como *grades de ferro* sobre o próprio corpo, *com as mãos fechadas*, postava-se ereta. Nenhum movimento de rosto era perceptível. Nem um leve piscar de olhos indicava o acolhimento da oferta que o outro corpo lhe oferecia. (Evaristo 2016: 17, grifos nossos)

Observamos, a partir desse excerto, a busca da personagem por proteger-se, de modo tão intenso, que seus braços são comparados a “grades de ferro”, juntamente com suas mãos, sempre fechadas, que, em oposição a mãos abertas, evidenciam a recusa em receber algo de alguém, a negação de qualquer oferta, seja o que fosse, talvez por medo do que o contato pudesse desencadear, ou por trazer algo a mais consigo, em secreto. Outra imagem evocada pelas mãos fechadas, pelo punho, é a posição de luta, uma luta diária de um corpo historicamente visto como objeto a ser possuído, sensualizado, que se nega ao mínimo gesto de busca, de contato.

Caracterizada como bela - “seria ela a legendária rosa negra?” -, a personagem é alvo de interesse de muitos homens do local, que “sonhavam com o corpo da moça” (Evaristo 2016: 17). Entretanto, é incompreendida por seus atos; incompreensão inclusive por parte das próprias mulheres, como denuncia o narrador. Enquanto os homens a queriam pelo seu corpo, ou seja, objetificando-a, mulheres e homens queriam saber o motivo de sua postura, do “trancamento do corpo dela” (Evaristo 2016: 17).

Ainda segundo o narrador, contava-se, no local, que o simples abraço da moça era capaz de causar um “sentimento de torpor intenso” (Evaristo 2016: 17), e, talvez, por isso, ela se refugiava dentro de si mesma. Ou seja, tem-se a construção do corpo feminino negro atrelado à sedução, ao “torpor”, um corpo destinado ao prazer, mas, ao mesmo tempo, homens e mulheres se confundem quando o “corpo”, objeto de desejo e inveja, nega-se a cumprir esse estereótipo. A protagonista mantém seu corpo “fechado”, impossibilitando seu uso como objeto, desarticulando-se do estereótipo e da função atribuída a ele.

Temos, assim, a disseminação de preconceitos no que se refere ao corpo pelas próprias mulheres. Ao negar-se a cumprir o estereótipo que a sociedade escolhe para ela, Rosa é incompreendida e questionada: “homens e mulheres queriam entender o motivo” (Evaristo 2016: 17). Nesse contexto, podemos citar, como aponta Chandra Mohanty (2002: 511), uma escala de privilégios dentro da própria categoria feminina, destacada por ela nos estudos sobre mulheres, no próprio feminismo, mas que pode ser aplicada a muitos contextos, ou seja, a criação de uma hierarquização dentro do próprio gênero, como foi evidenciado por Ashcroft, Griffiths e Tiffin (2007: 13) a respeito da dupla objetificação da mulher que sofreu o processo de colonização, seja

como mulher, seja como sujeito pós-colonial (afrodescendente). No caso do conto, as mulheres cobram Rosa, exigem justificativas acerca de seus atos, propagando construções que remetem à opressão e criando uma escala de privilégios no qual a mulher negra é excluída.

É nesse contexto que Mohanty (2002: 502-503) chama a atenção para a compreensão das conexões entre mulheres de diferentes comunidades nacionais, raciais e culturais, bem como das várias formas de subjugação que se sobrepõem à vida cotidiana, mulheres “invisíveis”, “apagadas” socialmente. O que traz à tona o conto de Conceição Evaristo, as preocupações quanto à personagem referem-se meramente a esse “trancamento” de seu corpo, a negação em assumir um estereótipo historicamente difundido, e não as suas necessidades, suas condições econômicas, aos preconceitos vividos por ela. Contudo, algo sobrenatural acontece, como se em resposta a uma realidade que é sempre a mesma, a uma opressão que se repete e, ao mesmo tempo, é negada pela protagonista do conto:

Eis que em um dia de calor intenso a moça se distraiu e calmamente levantou os braços como se fosse *uma ave em ensaio de voo*. Todas as pessoas que estavam por perto viram. A cada gota de suor que pingava das axilas de Rosa, *pétalas de flores voavam* ao vento (Evaristo 2016: 18, grifos nossos).

A comparação dos braços abertos da personagem a uma “ave em ensaio de vôo” remete-nos à ideia de liberdade, apresentada como possível apenas quando pode ser quem realmente é, quando se sente confiante de si, de seu lugar na sociedade, só assim pode “alçar vôo”.

Por meio do insólito, da transformação que acomete a personagem, notamos a ruptura de várias construções, como as de que o suor da pessoa negra é algo repelente, malcheiroso, afinal, de suas axilas, “pétalas de flores voavam”; plantas amplamente conhecidas pela beleza e perfume que exalam e uma referência a seu nome: Rosa. Um corpo historicamente marginalizado, visto como objeto para o prazer, é escolhido para experimentar este fenômeno sobrenatural; espécie de compensação diante de todo preconceito vivido pela personagem. É Rosa, Maria e Rosa novamente, na medida em que é lançada luz à sua singularidade, seu ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observamos no conto analisado, “Maria”, a redução da personagem às tarefas que realiza, ao que propicia à família na residência onde trabalha. Assim, suas necessidades e seu ser são ignorados. Ao voltar para casa, Maria precisa, ainda, lidar com as palavras lançadas a ela no ônibus, que remetem aos preconceitos quanto à cor de sua pele, à inferiorização de sua identidade. Somam-se a isso discriminações no âmbito do gênero, revelada pela negação da autonomia, do controle do próprio corpo

pela mulher. Pode-se depreender, a partir dessa atitude do passageiro do ônibus, a construção do corpo feminino negro como um corpo-pecado, capaz de despertar a lascividade: “puta”, “negra safada”, mas também como uma ameaça, referente à marginalização e à criminalidade vivida pela sociedade, ligando-a à violência do assalto. No entanto, é a própria sociedade que impõe sua violência a Maria. Tem-se, assim, uma violência psicológica, que a destrata enquanto mulher e negra, mas também física, já que Maria é brutalmente morta.

O outro conto analisado, “Rosa Maria Rosa”, mostra uma bela mulher, que não correspondia ao menor gesto de busca, de contato de outra pessoa e, por esse motivo, era incompreendida em seus atos inclusive pelas próprias mulheres do local. Mas nessa narrativa há também a inclusão do imprevisível, uma ruptura frente à realidade que se impõe.

Assim, embora as duas personagens sejam Maria, seus corpos são diferentes estereótipos da mulher negra: uma é a mãe que literalmente se sacrifica pelos filhos, uma mulher negra que trabalha para os brancos, sendo destrutada, ou tratada como cachorro, com as sobras. Enquanto a outra, Rosa Maria Rosa, é a mulher sensual, que atrai todos, mas que, de alguma forma, não aceita esse estereótipo, e liberta seu corpo da aproximação dos outros, nega sua transformação em um objeto, as características pejorativas relegadas ao corpo negro. E, nesse processo, sua especificidade, sua presença única se dá pelo seu suor, algo antes considerado degradante, que naquela mulher negra, em especial, torna-se o símbolo da beleza, transformando-se em pétalas de flores.

Partindo desse ponto de vista, uma das leituras possíveis do conto “Rosa Maria Rosa” é que a libertação do corpo da mulher negra só vai ocorrer quando ela se libertar – tornar-se pássaro e voar, ou seja, quando ela descobrir seu valor, sentir-se confiante de si, de seu lugar, de sua importância, ou seja, deixar de se abraçar para se proteger do mundo e agir em direção “ao céu”.

Como se percebe da análise de tais contos, Conceição Evaristo traz para o centro da narrativa o sujeito deixado ainda à margem da sociedade e do discurso, problematizando a forma como as ideologias, preconceitos e estereótipos lançados a ele se engendram na representação da identidade e do corpo, fornecendo ao leitor outro viés, a partir da perspectiva feminina afrodescendente.

OBRAS CITADAS

ASHCROFT, B., G. Griffiths & H. Tiffin. *Key concepts in post-colonial studies*. London: Routledge, 2007.

CAZES, L. “Conceição Evaristo: a literatura como arte da ‘escrevivência’”. *O Globo* (Rio de Janeiro), Cultura, 11 jul. 2016. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/livros/conceicao-evaristo-literatura-como-arte-da-escrevivencia-19682928-#ixzz4M8fKuxea>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

Sob o peso do próprio corpo: a representação da mulher negra nos contos...

DALCASTAGNÈ, R. “Uma voz ao sol: representação e legitimidade na narrativa brasileira contemporânea”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea* (Brasília), n. 20, p. 33-87, jul./ago. 2002. Disponível em: <http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2002.pdf>. Acesso em: 20 jul. 2017.

EVARISTO, C. “Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”. *Revista Palmares: cultura afro-brasileira* (Brasília), n. 1, p. 52-57, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

———. *Histórias de leves enganos e parecenças*. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

———. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

GROSZ, E. “Corpos reconfigurados” (Volatile bodies. Toward a corporeal feminism). Tradução Cecília Holtermann. *Cadernos Pagu* (Campinas), n.14, p. 45-86, 2000.

HARRIS, T. *Saints, Sinners, Saviors: Strong Black Women in African American Literature*. New York: Palgrave Macmillan, 2001.

MOHANTY, C. T. ““Under Western Eyes’ revisited: Feminist Solidarity through Anti-capitalist Struggles”. *Signs: Journal of Women in Culture and Society* (Chicago), v. 28, n.2, p. 499-535, 2002.

SILVA, P. V. B. & F. Rosemberg. “Brasil: lugares de negros e brancos na mídia”. T. A. Van Dijk. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto, 2012, p. 73-115.

WERNECK, J. Introdução. C. Evaristo. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015, p. 13-14.

UNDER THE WEIGHT OF THEIR OWN BODIES: REPRESENTATION OF THE BLACK WOMAN IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S SHORT STORIES “MARIA” AND “ROSA MARIA ROSA”

ABSTRACT: Little attention is given to the female authorship in Brazil, as well as the reduced number of black women characters, mainly as narrators or protagonists. This makes even more important short stories such as “Maria” and “Rosa Maria Rosa” from Conceição Evaristo's short stories books, *Olhos d'água* (Watery eyes - 2014) and *História de leves enganos e parecenças* (History of small misleadings and similarities - 2016) respectively. Our objective is to analyze the female character in the short stories mentioned above, with special attention to the weight of their own bodies, that is, as black people and women, in a society still plenty of prejudice and discrimination. We observe that the writer, besides highlighting those individuals in the margins, also problematizes the construction of stereotypes that passed to the nation history, bringing to literature another point of view, and another perspective. The theoretical approaches that support this research are the studies by Ascroft, Griffiths & Tiffin (2007), Chandra Mohanty (2002) and Elizabeth Grosz (2000).

KEYWORDS: short stories; Conceição Evaristo; representation; black woman.

Recebido em 27 de setembro de 2017; aprovado em 20 de novembro de 2017.